

GRUPO DE PAIS DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES

Mirna Guites Hillig*
Nair Regina Ritter Ribeiro**

RESUMO

O Grupo de Pais da Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) está inserido no Programa de Apoio à Família, do Serviço de Enfermagem Pediátrica. O objetivo do estudo é conhecer a percepção dos familiares das crianças hospitalizadas sobre o Grupo de Pais. O presente estudo é exploratório-descritivo com enfoque qualitativo e foi desenvolvido dentro do HCPA após aprovação da Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem e do Comitê de Ética da instituição. A coleta de informações foi realizada no segundo semestre de 2008, por meio de entrevista semiestruturada com nove familiares que participavam do Grupo. Os dados foram trabalhados de acordo com a análise de conteúdo, que se constitui de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Emergiram duas categorias: "Falando do grupo", que diz respeito à percepção do familiar sobre sua participação e a dinâmica da atividade, que possibilita liberdade de expressão, valorização da família e da equipe multidisciplinar e humanização; e "O grupo como espaço da família", que aborda as possibilidades, facilidades, troca de experiências e outros aspectos da questão. A pesquisa proporcionou novas fontes de conhecimento, melhores intervenções, e novas ideias, fazendo a inter-relação entre a pesquisa e a prática do cuidado à criança e sua família.

Palavras-chave: Criança Hospitalizada. Enfermagem Pediátrica. Grupos de Autoajuda. Relações Interpessoais.

INTRODUÇÃO

No seu cotidiano, a enfermeira que trabalha na pediatria percebe a necessidade e a importância do cuidado à família e busca subsídios para a prática profissional, tendo em vista que as famílias têm diferentes realidades, valores, ideais, crenças e trajetórias⁽¹⁾.

O Programa de Apoio à Família (PAF) é desenvolvido pelo Serviço de Enfermagem Pediátrica e tem por objetivo ajudar os pais a enfrentar as situações e dificuldades inerentes ao processo de doença e hospitalização do seu filho⁽¹⁾. Nele estão inseridas diferentes ações desenvolvidas nas unidades pediátricas, tendo como foco principal o cuidado às famílias das crianças internadas. Essas atividades englobam, além do grupo de pais, atendimento individualizado, um programa de atendimento às famílias de crianças com necessidades especiais, entre outras.

Semanalmente são realizados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) os encontros do grupo de pais com uma equipe multidisciplinar formada por uma enfermeira,

um médico residente (R3), uma assistente social e uma estagiária da Psicologia. Esses encontros acontecem de forma operativa, de modo que os assuntos enfocados pela família são analisados pela equipe, que faz uma "devolução" mediante reflexões, troca de experiências, orientações, palavras de apoio, esclarecimentos e compreensão do momento vivenciado pelos familiares. Além disso, observam-se a troca de experiências entre os pais, o apoio e o auxílio mútuo nessa situação traumática que estão vivendo^(2,3).

A enfermeira inserida na equipe multidisciplinar, ao desenvolver essa atividade dentro do PAF vivencia diferentes situações e identifica as dificuldades encontradas pelas famílias durante a internação da criança na UTIP. Quando se conhece essa diversidade de fatores que acomete a família durante a internação percebe-se a necessidade de conhecê-la melhor, identificar seus anseios e necessidades, para poder ajudá-la a enfrentar essa nova realidade⁽⁴⁾.

O estudo sobre o grupo de pais poderá trazer conhecimento, desvelando novas possibilidades para o desenvolvimento dessas atividades e para

* Enfermeira. Especialista em Enfermagem Pediátrica. Enfermeira da Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. E-mail: mirnaghil@gmail.com

** Enfermeira. Doutora. Docente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Chefe do Serviço de Enfermagem Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. E-mail: nrribeiro@hcpa.ufrgs.br

o cuidado à família. Em vista disto, o objetivo deste estudo é conhecer a percepção dos familiares das crianças hospitalizadas sobre o grupo de pais da UTIP.

METODOLOGIA

Este estudo é de caráter descritivo com enfoque qualitativo, pois se acredita que este método é adequado para alcançar os objetivos pretendidos. Foi desenvolvido em uma UTIP de treze leitos que recebe crianças da faixa etária de 28 dias até 12 anos de idade, atendendo também crianças com menos de 28 dias e adolescentes de até 18 anos, a depender das particularidades das enfermidades pediátricas.

Na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), assim como em todas as outras unidades que prestam cuidados à criança, está implementado, desde 1979, o Sistema de Alojamento Conjunto Pais-Filhos ou Sistema de Internação Conjunta, em que a presença da família é valorizada e faz parte do cuidado.

Os participantes foram nove familiares de pacientes que estiveram internados na UTIP. Considerou-se este número satisfatório em virtude da saturação de dados, que ocorre quando os temas e as categorias dos dados tornam-se repetidos e redundantes, sem acréscimo de informações novas⁽⁵⁾. Foram critérios de inclusão: ter participado de pelo menos um grupo de pais, ter tido um familiar internado na UTIP e concordar em participar da pesquisa. A escolha dos sujeitos foi intencional, ou seja, no dia previsto para a coleta das informações o pesquisador escolheu o possível participante entre os familiares que atendiam aos critérios de inclusão.

Os participantes tiveram seus nomes substituídos pela letra “P” de participante, acrescido de um número sequencial, de acordo com a ordem da entrevista realizada. Participaram nove familiares, a saber, seis mães, um pai, uma tia e uma irmã, cujas idades variaram entre 22 anos e 43 anos. Quanto à escolaridade, houve variação entre a 4ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio completo. Quanto à procedência, dois residiam em Porto Alegre e os demais em outros municípios do Estado. O menor tempo de internação das

crianças foi de dois dias, e o maior, de vinte e três dias.

A coleta de informações foi feita no segundo semestre de 2008, por meio de entrevista semiestruturada a partir de questões norteadoras. Para maior exploração da temática, não houve rigidez na ordem dos questionamentos, para se ter maior flexibilidade no decorrer das entrevistas. Estas tiveram uma duração média de 15 minutos e foram realizadas em uma sala reservada da unidade, permitindo a livre expressão do participante, sem constrangimentos.

O projeto foi submetido à Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFRGS (anexo n.º 144/08) e ao Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA (n.º 08-325). Todos os familiares abordados concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, permanecendo uma via com o participante e a outra com o pesquisador.

Para análise dos dados as entrevistas foram transcritas na íntegra e em seguida submetidas à análise de conteúdo, segundo as três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação⁽⁶⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados emergiram duas categorias: “*Falando do grupo*” e “*O grupo como espaço da família*”. A seguir discutiremos essas duas categorias.

Falando do grupo

Todos os integrantes da pesquisa referiram ter gostado de participar dos grupos e utilizaram vários termos para demonstrar esta satisfação.

Eu gostei bastante [do grupo], pela preocupação da equipe nesta parte; por ter se preocupado com a gente num momento difícil [...] A equipe tá de parabéns, gostei muito quando tive internada ali [com meu filho] (P9).

O grupo é um auxílio para a equipe, pois permite uma proximidade com os pais, favorecendo um aumento na confiança entre a equipe e a família e ajudando-os a lidar com os estresses emocionais decorrentes da internação⁽⁷⁾. É um recurso fundamental para a

assistência de enfermagem e a equipe multidisciplinar.

O grupo também possibilita a troca de experiências entre os familiares que estão vivenciando situação semelhante e permite que a equipe conheça mais a dinâmica familiar e como esta internação repercute na sua estrutura e organização⁽⁷⁾. Também possibilita que os familiares tenham conhecimento dos serviços que a instituição disponibiliza para ajuda e suporte no enfrentamento da hospitalização.

Saber que tem assistente social que tu pode contar, psicóloga que tu pode contar... Eu sei que o hospital disponibiliza psicóloga, mas tem mães que não sabiam. Também falar do papel da assistente social, que tendo alguma dificuldade [...] que ela possa ajudar (P7).

Os familiares se sentem valorizados e relatam que faz diferença para a equipe eles estarem ali, acompanhando a criança e participando do grupo de pais.

A equipe sempre foi bem presente, só que a gente fica conhecendo mais eles assim, sabendo que tinha também a assistente social, a parte psicológica. Achei interessante que o doutor também participa. Achei bem legal de montarem um grupo e ir ali conversar com a gente (P9).

No desenvolvimento dos grupos e através deste estudo foi mostrado que os familiares têm noção de equipe, do trabalho em conjunto baseado no cuidado humanizado.

É tudo, no geral, desde os médicos, faxineira, copeira, todos. É uma equipe. (...)Aqui vocês têm esse lado, calor humano. Vocês olham no olho (P6).

A abordagem multidisciplinar ocorre quando diferentes profissionais querem atingir vários objetivos, prestando um cuidado de melhor qualidade, compartilhando dados e complementando condutas. Esta forma de trabalho propicia o aumento do vínculo entre o paciente, a equipe e a família, facilitando a adesão ao tratamento e o desenvolvimento de ações comuns dentro das especificidades.

O trabalho é desenvolvido a partir das demandas surgidas, de modo a possibilitar aos familiares a livre expressão e favorecer a escuta, na busca de melhores soluções e alternativas para seus problemas e necessidades relativos à internação na UTIP.

[...] a gente pode falar tudo o que está sentindo, é um assunto aberto, [...] a gente pode conversar sobre várias coisas ali, sobre a criança. E, tudo que foi realizado, a gente pôde conversar sobre tudo. Tanto a favor ou contra, dá pra falar tudo o que a gente tá sentindo ali (P4).

Como o grupo de pais na UTIP é realizado para os familiares e este estudo pretende adequar esta prática, foi possível também que os participantes fizessem *sugestões* sobre a atividade que estava sendo desenvolvida. As principais sugestões foram: continuidade do atendimento de forma individual após o grupo, apresentação de um vídeo sobre algum tema referente ao momento que estavam vivendo, aumento dos encontros de uma para duas vezes por semana em diferentes horários e maior divulgação da atividade do grupo.

O grupo como espaço da família

Também foi identificado neste trabalho que o grupo de pais realizado na unidade de terapia intensiva pediátrica serve como um espaço de cuidado ofertado à família. Neste contexto, para melhor compreensão dos resultados, esta categoria será apresentada em seis subcategorias, as quais a seguir são intituladas e descritas

Categoria 1 - Possibilitando apoio e ajuda

Os familiares demonstraram reconhecer o grupo como suporte e ajuda, sendo isto possibilitado pela equipe ao realizar a atividade, o que os levou a perceber que a equipe se preocupa com a família. No cotidiano de uma UTIP os profissionais defrontam-se frequentemente com situações em que os pais deixam de atender a seus cuidados básicos, como sono, higiene e alimentação, para permanecerem ao lado da criança. Esta realidade foi constatada também por outros autores^(8,9).

Compete ao profissional de saúde, em especial ao enfermeiro, refletir sobre o tipo de assistência a ser prestado à família, no sentido de ajudá-la no desempenho dessa importante tarefa que é o cuidar/zelar pela saúde de seus membros^(10,17). A família necessita estar bem para auxiliar no cuidado durante a internação e sua continuidade após a alta, no domicílio. A importância da participação da família é reforçada ao mesmo tempo em que é estimulado o autocuidado destes familiares.

Acho que isso ajuda bastante. Pra mim me ajudou [...]. Ali naquela internação, a preocupação da equipe, ficou bem marcado (P9).

Fica evidente que os familiares que participaram do grupo se sentiram mais seguros e tiveram oportunidade para desabafar, pois muitas vezes esta é a única possibilidade que eles têm para falar sobre a situação que estão experimentando.

(...) A gente conversando se conhece melhor, daí vai se ajudando. Fica conhecendo um pouquinho da vida um do outro... Falar alguma coisa que pode aliviar. E, claro que não tem como tirar aquela dor no peito, mas alivia...Um conversando com o outro, desabafando... (P5).

A orientação aos familiares dentro da UTIP tem como objetivo deixá-los cientes do que está acontecendo com a criança, oportunizando que esclareçam suas dúvidas e façam questionamentos, com o devido respeito à individualidade, às crenças e valores de cada ser. A comunicação entre a família e a equipe deve ser clara e transparente, para que a família obtenha orientações adequadas e o esclarecimento de suas dúvidas, o que reduz sua ansiedade e estresse, facilitando a permanência durante a internação⁽¹¹⁾.

Deixam sempre [a família] ciente de tudo que tá acontecendo. Eu vejo que isso é muito importante. O familiar tem que estar ciente do que realmente esta acontecendo. E, quando ele tiver ciente de tudo isso, tiver consciente, e não tiver preparado, eu acho que tem que ter alguém que estruture ele, que ajude, que apoie nesse momento (P8).

Os familiares se sentiam motivados e referiam que já tinham tido outras experiências com internações, mas não haviam tido a oportunidade de participar de um grupo onde pudessem sentir-se apoiados e conversar sobre a situação vivenciada.

Tenho três filhos jovens e tive já com eles baixado em outras oportunidades e nunca tive assim um grupo que desse apoio, conversasse (P3).

Categoria 2 - Gerando mudança de comportamento

A atividade grupo de pais tem sido utilizada como um recurso facilitador do atendimento das famílias nas unidades de internação pediátrica, intensificando o cuidado à criança e

minimizando o sentimento de culpa às vezes presente neste período^(1,12).

A situação de doença, dor física e emocional, a insegurança e o medo do desconhecido, diagnósticos e terminologias muitas vezes de difícil entendimento geralmente concorrem para o aumento do estresse da criança e seus familiares.

E tu vai criando um vínculo e este vínculo vai te ajudando a enfrentar as coisas de uma forma diferente. Tu vê que tem outras pessoas que passam por dificuldades e enfrentam de formas diferentes de ti (P7).

O atendimento grupal valoriza a troca de experiências, favorece o vínculo e a solidariedade entre as pessoas⁽⁷⁾. O grupo oportuniza a humanização, fator relevante no relacionamento com os outros familiares.

Acho que ensina a ser mais humano, lidar mais com os sentimentos dos outros, ser mais companheiro, dar uma palavra amiga (P1).

Muitas vezes os familiares têm certa resistência a participar do grupo, por diferentes motivos, como, por exemplo não querer deixar a criança sozinha, não conseguir se afastar, não saber como funciona, não querer ou não conseguir falar sobre a experiência que estão vivenciando. Um familiar afirmou não ter participado em outra internação, mas ter participado do grupo nesta internação, o que foi apontado como fator de melhora e de mudança no relacionamento com a equipe e entre o casal.

Eu gostei bastante, porque na outra internação dele eu era quietinha, não falava nada. Acontecia, via as coisas ali, ficava quietinha. Mas agora não! Eu não participava da outra vez que ele internou, agora eu comecei a participar, foi bem melhor. Até eu e o meu marido..., antes nós não era muito junto, ... antes nós era meio separado, mas depois, conversando... nosso relacionamento ficou melhor depois do grupo de pais (P5).

Embora se mostrem fortes perante a criança, os pais necessitam de força, suporte emocional e espiritual para o enfrentamento da situação⁽¹³⁾. Alguns verbalizam que a participação permitiu o sentimento de tranquilidade, alívio e conforto.

Na verdade o grupo veio pra confortar mais a família (P8).

Outra fala refere que o grupo permitiu conhecer os outros pais, facilitando a aproximação para conversar, criar amizade. Nesta mesma fala aparece o grupo como facilitador da formação de afinidade entre os pais.

Teve ali [familiares], que eu não tinha conversado, nenhuma vez ainda, até pelo fato que, tinha uma que eu nem via, ficava ali no box. Mas aí, depois que todo mundo ali falou o que sentia, o que tava passando naquele momento, tornou mais fácil depois uma amizade (P7).

A participação em grupos reúne pessoas que, embora tenham problemas semelhantes, podem ajudar-se mutuamente, pois estão na mesma situação, facilitando a conversação e a troca de experiências. Também possibilita o *feedback* entre os participantes, permitindo que ocorram sugestões entre pessoas que já passaram ou estão passando por experiência semelhante⁽³⁾.

Categoria 3 - Facilitando a comunicação

O trabalho no grupo de pais é desenvolvido com base nas demandas que vão surgindo no decorrer da atividade, promovendo a participação das famílias na busca de melhores soluções e alternativas para seus problemas e suas necessidades. Os familiares falaram que se sentiram mais livres, mais abertos, o que facilita a comunicação, embora nem todos tenham facilidade para falar no grupo.

Assim, fiquei bem mais livre pra perguntar, pra responder também (P3).

Acho que isso faz com que as pessoas se sintam mais abertas (P7).

Muitos ficavam muito retraídos. ... não se sente muito à vontade [para falar] (P8).

À medida que o grupo vai acontecendo a comunicação se torna mais aberta e verdadeira e com riqueza de conteúdo, pois as pessoas já não estão numa posição individualista e defensiva e passam a ver um sentido de unidade e coerência entre os participantes⁽³⁾.

Categoria 4 - Empoderando a família

A atividade grupal abre um leque de alternativas, no qual cada família potencializa suas possibilidades e recursos para conseguir organizar uma realidade diferente e promover

mudanças⁽³⁾. Naquele momento as famílias se sentiram fortalecidas, empoderadas:

Porque é um espaço que a gente tem que pode desabafar, perguntar, esclarecer alguma dúvida (P1).

Acaba se sentindo mais forte, graças ao grupo de pais (P5).

E consegui passar isso [segurança e apoio] pro paciente, então, ver a melhora. Eu pelo menos sinto isso, saber que a gente teve mais força naquele momento que a gente mais precisou mesmo (P8).

Durante a internação surgem necessidades, e então torna-se fundamental trabalhar em equipe multidisciplinar e desenvolver atividades que, como a do grupo de familiares, deem suporte a este enfrentamento.

Categoria 5 - Compartilhando sentimentos, trocando experiências

Para os familiares, o nervosismo, a preocupação e a tensão se fazem presentes diariamente durante a hospitalização⁽²⁾. Além disso, eles vivem a expectativa constante de melhora, da alta da UTIP para a unidade de internação e, posteriormente, da volta para casa.

Pra mim valeu muito naquele dia. Tava muito nervosa, a gente conversou, participou (P3). O compartilhamento das experiências e sentimentos permite ver que estão vivenciando a mesma situação e favorece que se conheçam e sirvam de exemplo uns para os outros.

Pelo fato de conversar com outras mães, a gente troca experiências. Tu vê que não é só tu que tá passando por aquilo, que tem sempre alguém pior que a gente (P7).

No encontro do grupo de pais os familiares trocam experiências e informações, aliviam tensões e desenvolvem o apoio mútuo. O encontro possibilita também a valorização da família e a constatação da importância de estar junto à criança, fazendo parte do cuidado e assim diminuindo o estresse decorrente da hospitalização^(4,14).

Se a pessoa tem alguma coisa pra falar, [pode] colocar pra fora. Tá agoniado, conversar, ver outras pessoas com situações diferente da gente. É difícil para os pais. Quando [ele] fez cirurgia os médicos nos chamaram e disseram que as chances eram mínimas, tumor grande. Ela [a mãe] se

desesperou e eu disse: “Calma, está nas mãos de Deus, vamos ficar tranquilos”. (P2).

Os familiares referem que ao dividir experiências com os outros acabam se fortalecendo, conseguem perceber o “outro” que está ao seu lado. Com o compartilhar acabam potencializando as forças de cada um.

Poder dividir, não só dividir quando tá ruim, poder dividir, contar pros outros que tá bem, daí dá mais força, pra eles também... e tu acaba descobrindo que o que o filho da gente tem não é um problemão, que tem gente que tem problema bem mais grave que o da gente.. Poder dividir um pouquinho com cada um se sente mais forte, acaba dividindo com os outros (P5).

A participação de familiares no grupo quando ocorre a reinternação na UTIP é percebida como reforço, pois compartilham uma experiência já vivenciada. No momento destas falas as crianças já haviam recebido alta da UTIP e estavam na unidade de internação. Os familiares também fazem referência ao desejo de participar, mesmo não estando na UTIP, para compartilhar a experiência passada como reforço positivo.

Foi bom, porque contei um pouco da minha história, o que tinha acontecido. Como era a segunda vez que ele estava internado ali na UTI, eu pude contar um pouco da minha história pras mães que tavam ali, passando pelo que eu já tinha passado com ele.[...]Foi bom ter contado um pouco do que aconteceu. Depois de tudo o que eu passei e agora já tô bem melhor, melhorando o caso dele (P4).

Entre a clientela atendida no hospital em estudo deparamo-nos com muitos pacientes vindos de outras cidades, o que lhes dificultava ter mais familiares para se revezarem no cuidado à criança. O grupo aparece como facilitador da comunicação e de um melhor entendimento da situação vivenciada entre os familiares, e dividir este problema com pessoas estranhas possibilitou a verbalização de suas inquietações e tranquilidade para participação no grupo.

Daí um fala: Ah! eu falei isso, daí falei aquilo, e a gente já vai [pensando]: Ah, então já sei o que pode ser que tá errado. E um já vai falando pro outro mais ou mesmo como é que é, que já passou por isso.... A gente se sente melhor conversando com um que tu conhece aqui dentro, que tem um filho [internado], do que conversar com a mãe, com o pai, com a tia que tá em casa. Daí acaba

descobrir os problemas dos outros, acabado contando o da gente (P5).

A realização do grupo proporciona uma proximidade da família com a equipe e também com os outros familiares, e essa proximidade faz todos sentirem-se mais a vontade e tranquilos para perguntar ou esclarecer dúvidas.

Foi um momento que eu pude falar também. Falar, não só do momento que a gente tá passando, não só com as pessoas que nos envolvem, família, amigo, pessoas estranhas, e mesmo assim não me senti inibida, não me senti coagida nem nada falar o que falei (P8).

No grupo, os familiares compartilham um mesmo problema, o que permite um intercâmbio que possibilita o desenvolvimento da solidariedade e ajuda mútua. Cria-se então uma nova situação de vivência, em que eles se ajudam mutuamente e percebem que não estão sozinhos no enfrentamento da situação⁽¹⁴⁾.

Categoria 6 - Valorizando a família e incentivando a participação

O familiar se sente valorizado ao ser inserido no cuidado da criança e quando é convidado a participar do grupo, percebendo a forma como a equipe trabalha⁽¹⁴⁾.

Achei interessante este trabalho que está sendo realizado. Porque eu, particularmente, nunca tinha visto nenhum trabalho assim, que envolva não só o paciente, mas também o grupo familiar no hospital. [...] a equipe se interessa não só com o bem-estar do paciente, mas também com o bem-estar dos familiares (P8).

Nota-se que há preocupação com os familiares que não puderam ou não se dispuseram a participar da atividade.

Eu acho, que os pais, deviam participar mais do grupo, cada um questionar a cada [dúvida sobre o] filho, cada momento que esteja ali na UTI (P2).

Com frequência os familiares que participam referem ter sido importante essa participação e manifestam que gostariam que outros membros da família também pudessem compartilhar dessa experiência:

Queria que as outras [pessoas da família] também participassem alguma vez. Até vou tentar deixar que elas venham no dia de segunda (P3).

É provável que ao participar do grupo o familiar se sinta tão acolhido que acredita ser esta experiência interessante também para outros familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa mostrou que o grupo possibilita a livre expressão dos sentimentos. Compartilhar experiências auxilia no fortalecimento e suporte para enfrentamento de situações difíceis como a internação de uma criança em uma UTIP e permite uma melhor interação entre a família e a equipe, favorecendo um cuidado humanizado.

A pesquisa proporcionou novas fontes de conhecimento que podem contribuir para melhores intervenções e novas ideias, estimulando a inter-relação entre a pesquisa e a prática no cotidiano do cuidado centrado na criança e sua família.

O desenvolvimento da atividade em grupo por uma equipe multidisciplinar permite um olhar mais amplo completo nesta interface dos profissionais, que desenvolvem suas atividades para qualificar a assistência e oferecer suporte aos familiares. Também permite que estes

familiares sejam empoderados para serem capazes de gerar mudanças na sua forma de agir.

Acredita-se que este estudo possa, de alguma forma, contribuir com os profissionais da área pediátrica e subsidiar as instituições que realizam ou desejam implementar o grupo de pais enquanto recurso facilitador do atendimento aos familiares.

Percebe-se que os familiares, ao participarem do grupo, passam a ter conhecimento dos serviços que a instituição disponibiliza para ajuda e suporte no enfrentamento da hospitalização e sentem-se valorizados, o que possibilita a livre expressão e favorece a escuta. Este estudo possibilitou, também, que fizessem sugestões quanto à atividade do grupo.

Constatou-se que participam no grupo de pais diferentes membros da família, como pais, mães, tios, tias e avós. A partir disso, considera-se ser mais adequado chamá-lo de *grupo de familiares*.

Este trabalho não está acabado e necessita de continuidade e aprofundamento, pois teve como foco a família e esta tem muitas variáveis e diferentes formas de apresentação, e também são diferentes as suas situações no domicílio ou na internação.

GROUP OF PARENTS OF THE PEDIATRIC INTENSIVE CARE UNIT: PERCEPTION OF FAMILY MEMBERS

ABSTRACT

The Parents Group of the Pediatric Intensive Care Unit (PICU) from the Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) takes part on the Family Support Program of the Pediatric Nursing Service. The objective of the study is to know the perception of the family members of hospitalized children regarding the Group of Parents. It is an exploratory and descriptive study with qualitative approach. It was developed within the HCPA after the approval of both the Nursing School Research Commission and the Ethics Commission of the institution. Data was collected in the second semester of 2008 through semi-structured interview with nine family members that participated in the Group. Data was analyzed through content analysis comprising pre-analysis, management of the material, treatment of the results and interpretation. Two categories have emerged: "Talking about the Group" regarding the perception of the family member on his participation and dynamics of the activity that provided freedom of expression, appreciation of the family and the multidisciplinary team, and humanization; yet, the "Group as a Space of the Family" which approaches possibilities, facilities, and exchange of experiences, among others. The research provided new sources of knowledge, possibility of better interventions, new ideas, making the inter-relation among the research and caregiving to the child and his/her family.

Keywords: Child, Hospitalized. Pediatric Nursing. Self-Help Groups. Interpersonal Relations.

GRUPO DE PADRES DE LA UNIDAD DE CUIDADOS INTENSIVOS PEDIÁTRICOS: PERCEPCIÓN DE LOS FAMILIARES

RESUMEN

El Grupo de Padres de la Unidad de Cuidados Intensivos Pediátricos (UCIP) del Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) está insertado en el Programa de Apoyo a la Familia, del Servicio de Enfermería Pediátrica. El objetivo del estudio es conocer la percepción de los familiares de los niños hospitalizados acerca del Grupo de Padres. Se trata de un estudio exploratorio descriptivo con enfoque cualitativo y fue desarrollado en el HCPA tras aprobación de la Comisión de Investigación de la Escuela de Enfermería y del Comité de Ética de la institución. La recolección de las informaciones fue realizada en el segundo semestre de 2008, a través de entrevista

semiestructurada con nueve familiares que participaban del Grupo. Los datos fueron trabajados de acuerdo con el análisis de contenido, que se constituye de pre-análisis, exploración del material, tratamiento de los resultados e interpretación. Emergieron dos categorías: "Hablando del Grupo", que dice respecto a la percepción del familiar sobre su participación y la dinámica de la actividad, que posibilita libertad de expresión, valoración de la familia y del equipo multidisciplinario y humanización; y, "El Grupo como espacio de la familia", que abarca las posibilidades, facilidades, cambios de experiencias y otros aspectos de la cuestión. La investigación propició nuevas fuentes de conocimiento, mejores intervenciones y nuevas ideas, haciendo la interrelación entre la investigación y la práctica del cuidado al niño y a su familia.

Palabras clave: Niño Hospitalizado. Enfermería Pediátrica. Grupos de Autoayuda. Relaciones Interpersonales.

REFERÊNCIAS

1. Issi HB, Jacoby AMR, Lima EC, et al. Em foco a família: a construção de uma trajetória da enfermagem pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Rev. HCPA. 2007; 27(2):39-42.
2. Wyzkowski C, Santos RS. A reação materna diante da internação do filho na terapia intensiva pediátrica: contribuições para a prática da enfermagem. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped. 2007; 7(2):15-22.
3. Souza AMA, Sampaio CL, Aragão KA. Grupo Operativo de Pichon-Rivière. In: Souza AMA. Coordenação de Grupos: Teoria, Prática e Pesquisa. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora; 2011. p. 107-16.
4. Silva RCC, Sampaio JA, Ferreira AGN, Neto FRGX, Pinheiro PNC. Sentimento das mães durante a hospitalização dos filhos: estudo qualitativo. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped. 2010; 10(1):23-30.
5. Strauss A, Corbin J. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
6. Gomes R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 2008. p. 79-108.
7. Souza AMA, Jácome GA, Santos MCL, Viana TRF. Grupos de Apoio/Suporte Diferenciação dos Grupos de Autoajuda. In: Souza AMA. Coordenação de Grupos: teoria, prática e pesquisa. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora; 2011. p. 101-106.
8. Lima EC, Ribeiro NRR. A família cuidando o filho dependente de ventilação mecânica no domicílio. Ciência, Cuidado & Saúde. 2009; 8(Supl):110-116.
9. Motta MGC, Issi HB, Ribeiro NRR. Grupos como estratégia de ensino e cuidado de família, criança e adolescente com doença crônica. Ciência, Cuidado & Saúde. 2009; 8(Supl):155-161.
10. Marcon SS, Elsen I. Os caminhos que, ao criarem seus filhos, as famílias apontam para uma enfermagem familiar. Ciência, Cuidado & Saúde. 2006; 5(Supl):11-18.
11. Arivabene JC, Tyrrel MAR. Método mãe canguru: vivências maternas e contribuições para a enfermagem. Rev. Latino-Am Enfermagem. 2010; 18(2):262-268.
12. Molina RCM, Maron SS. Benefícios da permanência da participação da mãe no cuidado ao filho hospitalizado. Rev. Esc. Enferm. USP. 2009; 43(4):856-864.
13. Borba RIH, Ribeiro CA, Hauser MB. O enfrentamento e a força dos pais que vivenciam a situação do filho hospitalizado. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped. 2009; 9(2):87-95.
14. Salgueiro JB, Ramos MZ, Falk MLR, Raymund MM, Schenkel SS. Avaliação das ações humanizadoras desenvolvidas na pediatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Rev. HCPA. 2007; 27(2):5-9.

Endereço para correspondência: Mirna Guites Hillig. Rua Lopes Teixeira, nº 56, Jardim Itu. CEP: 91380-420. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Data de recebimento: 12/09/2011

Data de aprovação: 14/03/2012